

FONTE : JB

CLASS. : 112

DATA : 29 08 87

PG. : 7

Índios oferecem alternativas contra destruição

Símbolos sagrados e míticos dos caiapós defendem a vida

Antonio José

BELÉM — O misticismo e a realidade dos índios mebengôcre estão sendo mostrados pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, numa exposição aberta hoje denominada *Alternativas contra a Destruição*. Os mebengôcre — como se autodenominam os índios caiapó, habitantes do vale formado pelos rios Fresco e Branco, no município de São Félix do Xingu, 800 Km ao sul de Belém — acreditam que viveram num mundo muito distante, uma espécie de céu. Para chegar à terra foram guiados pelas informações de um dos membros da tribo, que depois de muito cavar atrás de uma enorme anta, descobriu um novo mundo, com rios, florestas e muitos animais.

Para atingir esse novo mundo, os caiapó, segundo a lenda, fizeram uma enorme corda, pela qual desceram, um a um, e não mais puderam voltar ao seu verdadeiro mundo. Para eles, as estrelas são seus irmãos mebengôcre que se recusaram a participar da aventura. Na exposição do Goeldi, a corda será substituída por um fecho de raio laser projetado no centro de uma sala escura, simbolizando o mundo místico dos caiapó, até agora pouco conhecido pelos brancos.

O visitante ouve textos em inglês, português e no dialeto mebengôcre, explicando a saga dos caiapó. Nas paredes das salas, pinturas de autoria do índio beptujo reproduzem símbolos sagrados e a mitologia desse povo. Um deles é um imenso poraquê (peixe elétrico dos igapós amazônicos), tido como protetor da fauna aquática. No piso, traçados em cores vivas, os caminhos do sol e da lua, uma espécie de calendário dos caiapó, e a demonstração dos cinco mundos sob a ótica mebengôcre: roça, floresta, animais, índios e homens brancos, que são a realidade atual da tribo.

Hoje, os caiapó estão à beira de perder sua identidade cultural. Mas, liderados pelo cacique Tuto Pombo, têm conseguido associar suas tradições à moderna tecnologia. Na aldeia do rio Branco, por exemplo, convivem com uma antena parabólica de televisão, possantes aviões, fogão a gás e habitam confortáveis casas de alvenaria. Poucas malocas (casas de madeira e palha) ainda restam na taba. Tudo isso é mantido por milioná-



André Penner

Arte caiapó é atração no Pará

rios contratos celebrados por Tuto Pombo com empresas madeireiras e mineradoras, que atuam na grande reserva indígena caiapó, de mais de três milhões de hectares.

Mas o contato com o homem branco tem sido desastroso para a identidade e a unidade desses índios, hoje divididos em vários grupos. O cacique Tuto Pombo, de 62 anos, ainda sonha com a reaglutinação de todos os caiapó numa só aldeia, sob sua liderança, ocupando uma área de 12 milhões de hectares.

Tecnologia — Do universo místico, os caiapó ainda extraem conhecimentos práticos, que estão sendo gradativamente desprezados em função do novo estilo de vida que vêm adotando. O verão equatorial, demonstrado no calendário pela cor vermelha, é destinado à pesca e tem como principal manifestação cultural a dança do benpê. No inverno ou período chuvoso, que vai de dezembro a maio, os caiapó dedicam-se à caça

de animais atraídos pela queda de frutos. Nessa época, também plantam milho, mandioca e banana.

Mas à medida que os índios vão incorporando novos costumes, preferem tomar um avião e ir ao distrito de Tucumã, sede de um projeto de colonização da construtora Andrade Gutierrez, a 80 km da aldeia, ou à cidade de São Félix do Xingu, um pouco mais abaixo, para comprar suprimentos para a tribo. Fica mais fácil do que enfrentar os perigos da densa floresta amazônica.

Ao longo de 154 fotografias, 115 peças artesanais e trajes cerimoniais, a exposição rememora a antiga aldeia e expõe o choque cultural resultante do contato com o homem branco. Nos painéis fotográficos, observa-se os caiapó pintados; servindo refrigerantes; pilotando aviões; a luta pela posse da terra; a exploração de madeiras e minérios; rios poluídos; a desertificação da Amazônia.

A ciência mebengôcre (palavra que significa *povo do olho d'água*) revela-se fantástica. É no conhecimento da natureza que os caiapó se destacam. Acostumados desde crianças a conviver com animais e com a floresta em perfeita harmonia, reconhecem que a incorporação de tecnologia estranha a esse mundo é uma ameaça ao ecossistema do qual fazem parte, mas que também tem seu lado bom. E parecem saber como evitar destruição total desse mundo.

Sua tecnologia é a confirmação dessa hipótese. Eles têm instrumentos para fabricar tecidos e extrair sal de palmeiras, e desenvolvem a apicultura — conhecem 54 tipos de abelhas, sabendo utilizar o mel e a cera de cada espécie. Além disso, demonstram um extraordinário manejo florestal ecológico e têm uma medicina natural das mais avançadas. Suas roças são protegidas por florestas e dispensam o uso de fertilizantes ou agrotóxicos.

A coordenadora da exposição, Denise Hamu, garante que os caiapó "quando caçam ou cortam árvores pedem desculpas às entidades da floresta pela agressão". São um povo que teme pelo futuro de seus descendentes e quer preservar o que resta de sua milenar cultura.

A exposição, montada no pavilhão Rocinha do Museu Emílio Goeldi, deve ficar aberta até fevereiro. É o resultado do Projeto de Etnobiologia Caiapó, desenvolvido durante cinco anos por pesquisadores brasileiros, norte-americanos e alemães.